

Preconceito linguístico e xenofobia em relação ao uso não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais

Luana Aparecida da Silva¹

Lucimara Andrade da Silva²

RESUMO:

Tendo em vista que a língua é dinâmica e está sujeita a variações linguísticas influenciadas por fatores como a região e as condições sociais e culturais do contexto em que é empregada, o presente artigo tem como objetivo investigar o preconceito quanto às variedades linguísticas e a xenofobia no que se refere ao uso não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais. As redes sociais se tornaram um meio para a disseminação do preconceito linguístico atrelado à xenofobia, onde aquele que não fala de acordo com as regras da norma-padrão é discriminado e exposto ao ridículo. Para isso, apresentamos algumas situações que ilustram o preconceito enfrentado por falantes da língua portuguesa que não utilizam a norma-padrão. A partir da análise, verificamos que esse preconceito está enraizado em nossa sociedade e vem ganhando força à medida que a diversidade linguística é negada, que o conceito de língua é distorcido e disseminado na internet. Portanto, é imprescindível repensar as nossas ações nas mídias sociais em relação à língua e aos dialetos, pois nenhuma forma de se falar o português é errada ou inferior à outra.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Preconceito linguístico. Xenofobia. Mídias sociais.

1. INTRODUÇÃO

Os avanços tecnológicos e a disseminação da internet têm sido catalisadores de mudanças profundas no mundo contemporâneo, ampliando o acesso ao conhecimento e à informação e redefinindo os padrões de interação social, com a criação de um novo cenário permeado pelas mídias sociais. As redes sociais, que se tornaram uma parte integrante da vida cotidiana, proporcionam uma plataforma para uma interação humana sem precedentes, possibilitando conexões entre pessoas de diferentes partes do mundo e com variados graus de formalidade. Como destacado por Brito (2018), esses espaços virtuais abrem caminho para a vivência de

¹ Mestra pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lu_aparecida94@hotmail.com. ORCID: orcid.org/0009-0009-8971-6243.

² Mestra pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: lucimaraandrade123@hotmail.com. ORCID: orcid.org/0000-0001-6659-3775.

novas formas de relações sociais, onde indivíduos e grupos podem se encontrar, compartilhar experiências e trocar opiniões.

Entre os temas discutidos nas redes sociais, surge, de forma proeminente, a questão do uso não padrão da língua portuguesa. Os usuários das mídias sociais frequentemente escrevem e divulgam suas opiniões e pontos de vista, muitas vezes fazendo uso de linguagem informal, gírias, abreviações e até mesmo incorporando elementos de outras línguas. Essa prática levanta debates sobre os limites da linguagem e os impactos da comunicação digital na forma como nos expressamos e nos entendemos. Nesse sentido, as mídias sociais não apenas facilitam a interação entre as pessoas, mas também desencadeiam reflexões sobre a evolução da linguagem em um contexto digital e globalizado. O uso não padrão da língua portuguesa nessas plataformas é um reflexo das transformações sociais e culturais em curso, desafiando as normas estabelecidas e abrindo espaço para novas formas de comunicação e expressão.

Embora os meios digitais não imponham necessariamente o uso de uma linguagem formal, é evidente que aqueles que não aderem às convenções do que é considerado o padrão linguístico são muitas vezes alvo de discriminação e ridicularização. Isso ocorre, pois os falantes com um nível mais elevado de instrução tendem a menosprezar as formas de linguagem dos indivíduos que não utilizam a norma-padrão, demonstrando indiferença em relação às suas variedades linguísticas, o que constitui um claro exemplo de preconceito linguístico, que está atrelado à xenofobia e se manifesta por meio de atitudes e comportamentos discriminatórios em relação a nacionalidades, culturas, dialetos e entre outros aspectos. Nessa perspectiva, segundo Bagno (2007, p. 42), o preconceito linguístico é “decorrência de um preconceito social”, está enraizado em nossa sociedade e vem ganhando força, visto que, à medida que a diversidade linguística é negada, o conceito de língua é distorcido e disseminado na internet.

Nesse contexto, o propósito do presente artigo é realizar uma investigação sobre o preconceito relacionado às diferentes variedades linguísticas e à xenofobia, especialmente no que diz respeito ao uso não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais. O objetivo é não apenas destacar a diversidade presente na língua, mas também desafiar e desmontar a noção equivocada de uma língua "certa" ou "errada", "superior" ou "inferior", uma vez que ainda persiste a crença de que os falantes que não adotam a norma-padrão do português, como os nordestinos ou os menos escolarizados, falam sem obedecer a qualquer regra linguística. Para isso, foi realizado um estudo qualitativo e exploratório acerca do preconceito linguístico e sua estreita relação com a xenofobia, a partir da análise de publicações em que os indivíduos foram

alvos de ataques e ofensas devido ao uso não padrão do português brasileiro, ao sotaque, à cultura e à região natal.

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: inicialmente, realizamos o levantamento bibliográfico referente a questões linguísticas, como variação linguística e preconceito linguístico. Os autores consultados foram Bagno (2007), Faraco (2008), Alkmim (2008), Tarallo (1997), Camacho (2011), Labov (2008) e Chomsky (1977). Posteriormente, procedemos com a coleta e a seleção das publicações extraídas das mídias sociais (*facebook*, *twitter* e *instagram*). Por fim, fizemos a análise do material selecionado, que demonstrou a disseminação de comentários que depreciam os falantes nativos que não utilizam a norma-padrão e o povo da região Nordeste, desrespeitando, assim, a diversidade linguística e cultural do Brasil.

2. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua portuguesa, assim como as demais línguas, não é um sistema homogêneo, autônomo e passível de análise independente de fatores externos como acreditava Saussure, que dispensava as situações reais de uso, privilegiando o caráter formal e estrutural da língua (Alkmim, 2008); logo, pode-se dizer que o português apresenta variações. A variação linguística é um fenômeno natural e essencial à linguagem humana, motivada “por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos” (Cezário; Votre, 2015, p. 141), dado que as comunidades de fala se caracterizam pelo uso de diferentes modos de falar (Labov, 2008 [1972]). A esse respeito, Tarallo (1997, p. 8) afirma o seguinte:

Em toda comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística.

Nesse sentido, toda língua comporta variedades regionais e socioculturais, em função da identidade social do emissor; e estilísticas, em função da identidade social do receptor e das condições sociais de produção discursiva. As variedades regionais são o resultado direto da distância física entre os falantes e as variedades socioculturais derivam da tendência para a

maior semelhança entre os atos verbais dos indivíduos participantes de um mesmo setor socioeconômico e cultural. Já as variedades estilísticas resultam da adequação da expressão às finalidades específicas do processo de interação verbal com base no grau de reflexão sobre as formas que constituem a competência comunicativa do sujeito falante (Camacho, 2011).

Sendo assim, a variação linguística não é um efeito do acaso, “não é aleatória, fortuita, caótica – muito pelo contrário, ela é estruturada, organizada, condicionada por diferentes fatores” (Bagnó, 2007, p. 40), podendo se manifestar de várias formas. Porém, por motivos históricos, culturais, políticos e ideológicos, nem todas as variedades dialetais usadas em uma determinada comunidade são iguais em termos de sua aceitabilidade. Por isso, uma delas é escolhida como a variedade padrão, isto é, um conjunto codificado de normas linguísticas que são consideradas socialmente aceitáveis para a classe social de maior prestígio de uma comunidade. Contudo, isso resulta na comparação indevida entre esse padrão idealizado de língua, que está presente nas gramáticas, e os modos reais de fala das pessoas, o que acarreta o preconceito linguístico, que tem como efeito a acentuação dos demais preconceitos associados a ele, como a xenofobia.

Portanto, é fundamental compreender que a língua não deve ser abordada nem estudada como um sistema estático, uniforme e exclusivo de um determinado grupo social, visto que é um processo contínuo, resultado das construções do passado e do presente, moldada pelos seus usos e pelos contextos em que esses usos ocorrem. Por conseguinte, é essencial reconhecer e explorar o fenômeno da variação linguística. Ao entender que a língua é composta por um conjunto diversificado de variantes, torna-se possível conscientizar sobre a existência de diferenças linguísticas que merecem respeito, evitando, assim, a segregação dos falantes e a estigmatização de suas formas de expressão.

3. XENOFOBIA NO BRASIL

A palavra “xenofobia”, segundo Albuquerque Júnior (2016, p. 9), “vem do grego, da articulação das palavras *xénos* [ξένος] (estranho, estrangeiro) e *phóbos* [φόβος] (medo), significando, portanto, o medo, a rejeição, a recusa, a antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro”. Nesse sentido, a xenofobia pode ser compreendida como uma manifestação de aversão e hostilidade contra pessoas estrangeiras, imigrantes, forasteiras ou de outras culturas,

que existe desde os tempos antigos, tornando-se recorrente em razão do intenso fluxo migratório.

De acordo com Farah (2017), a migração de refugiados para o Brasil tem levantado questionamentos sobre a ideia de que todos são bem-vindos, pois o número de casos de racismo e xenofobia mostra uma realidade bem diferente no país. Os imigrantes haitianos e africanos que chegam ao Brasil na esperança de uma vida melhor enfrentam inúmeras dificuldades, como as políticas segregativas, o racismo estrutural e a xenofobia. No Brasil, há refugiados “de quase 80 nacionalidades, entre os quais sírios, congolezes, iraquianos, angolanos, palestinos, camaroneses, nigerianos” (Farah, 2017, p. 16). A maioria desses povos migra para o país fugindo da fome, da seca e das guerras.

Para Albuquerque Júnior, “a xenofobia pode se manifestar de diferentes maneiras, desde como uma simples recusa de aproximação, convivência ou contato com o estrangeiro até através de atitudes extremadas de agressão” (Júnior, 2016, p. 9). Ademais, o preconceito também pode ser identificado na discriminação e exclusão de pessoas devido à sua língua materna ou ao seu sotaque, ou pode ser sutil, como a vigilância constante de estrangeiros e de pessoas de outra etnia em estabelecimentos públicos ou ainda ao negar emprego para imigrantes qualificados, simplesmente por serem estrangeiros. Embora essa conduta criminosa seja severamente reprovada e considerada inaceitável, percebe-se um aumento considerável no número de vítimas envolvidas em casos de discriminação e intolerância, principalmente no Brasil.

Segundo Farah (2017, p. 16), no Brasil, “a xenofobia é crime tipificado na Lei 9.459, de 1997 [...]. Serão punidos [...] os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. Contudo, as ocorrências de preconceito e discursos de ódio vêm crescendo no país, tendo como vítimas não só estrangeiros, como também pessoas oriundas da região Norte e Nordeste do Brasil. Esse preconceito e os discursos odiosos são propagados por grupos neonazistas que incentivam a hostilidade contra estrangeiros, indígenas, judeus, mulçumanos, nordestinos e nortistas, entre outros. Logo, a existência e atuação desses grupos são preocupantes, visto que os índices de imigração para o Brasil vêm crescendo, conforme mostram os dados do ACNUR, em que mais de 70 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas nações devido a conflitos armados, perseguições políticas e violações dos direitos humanos (Amorelli, 2020).

Além disso, com o avanço da internet, as redes sociais também contribuíram para o aumento da xenofobia, tornando-se um campo fértil para incitar discursos de ódio, que se

alimentam de preconceitos arraigados no imaginário das pessoas, como é o caso da discriminação contra nordestinos. Os nordestinos sofrem com ataques de ódio da internet, em virtude dos comentários xenofóbicos que associam a região Nordeste ao analfabetismo e atacam a cultura e o sotaque nordestino; da questão racial, pois essa região manteve características de seu povo que é negro, pardo e indígena; e da visão negativa e falsa que o resto do país tem do Nordeste como pobre, agrícola, seco e mestiço.

À vista disso, podemos observar que, apesar de a xenofobia ser considerada um crime e do aumento de 874% em 2022, com 10.686 denúncias, segundo a Central nacional de denúncias de crimes cibernéticos da Safernet (Cruz, 2023), quase não há registros de denúncias que foram a julgamento ou de xenófobos que foram punidos pela lei. Ademais, na maioria dos casos, as vítimas enfrentam dificuldades para exigir seus direitos, devido à falta de informação, dificuldades culturais, linguísticas e também da falta de acompanhamento jurídico. Portanto, é necessária a adoção de políticas públicas visando criar um ambiente mais inclusivo e tolerante, conscientizando a sociedade sobre a importância do respeito para com o outro, além de políticas que forneçam atendimento físico e psicológico às vítimas e que punam os xenófobos.

4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO

O preconceito linguístico é a discriminação que ocorre entre indivíduos falantes de uma mesma língua devido à “crença de que só existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários” (Bagno, 2007, p. 40). Em outras palavras, é a intolerância que ocorre no ato de não reconhecer ou mesmo de menosprezar as variedades linguísticas de um idioma, tanto na sua escrita quanto na sua fala. Essa marginalização das variedades linguísticas pode ser observada na rejeição por determinados sotaques, regionalismos, dialetos, gírias ou outras diferenças linguísticas.

Esse preconceito está arraigado no comportamento de muitos indivíduos e se apresenta por meio de atitudes inconscientes, sendo assimilado nas relações sociais e reforçado pelas mídias. Além do mais, tal preconceito contra as variedades linguísticas pode ser dissimulado mediante correções da pronúncia tida como “errada” ou “esquisita” ou pode ser escancarado, como rir do sotaque de alguém e ridicularizar os termos ou expressões característicos de cada região. Bagno (2007, p. 70) explica que os preconceitos linguísticos “impregnam-se de tal

maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo”.

No Brasil, os habitantes de grandes centros urbanos, com maior poder aquisitivo e acesso à educação de alto padrão, discriminam a maneira de falar de brasileiros analfabetos, semianalfabetos, pobres e minorias, rejeitando as variedades linguísticas. Nesse sentido, para muitos, a única forma correta do português é aquela ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e registrada nos dicionários. Dessa forma, qualquer expressão linguística que fuja disso é tida como feia, errada, grosseira e defeituosa.

Isso pode ser observado na discriminação com a forma de falar de certas regiões, como a do Nordeste do Brasil, que é representada de forma ofensiva e estereotipada nas mídias. No entanto, na perspectiva de Bagno (2007), a fala nordestina não deve ser vista como engraçada, pois, assim como outras variedades, ela apresenta certos fenômenos fonéticos, como é o caso da palatalização, em que ocorre a modificação de consoantes e vogais na fala. Porém, no momento em que um falante do Sudeste escuta a pronúncia nordestina da palavra escrita OITO como [oytšu], por exemplo, ele acha isso engraçado, ridículo ou errado. Essa palatalização é diferente da do Sudeste, visto que nela o [y] aparece antes do [t] e não após ele, mas o fenômeno é o mesmo que ocorre na pronúncia do Sudeste com a palavra escrita TITIA, que soa como [tšitšia], na qual a consoante T é articulada como “[tš] (como em tcheco) toda vez que é seguida de um [i]” (Bagno, 2007, p.42). Sendo assim, ambas as falas apresentam o mesmo fenômeno fonético, porém somente a fala nordestina sofre discriminação, uma vez que sua região é vista por muitos como atrasada, pobre ou subdesenvolvida.

Diante disso, é crucial reconhecer que todas as línguas e suas diversas variantes regionais oferecem aos seus usuários meios adequados para expressar uma ampla gama de conceitos e proposições lógicas. Essas línguas não impõem limitações cognitivas significativas tanto na compreensão quanto na produção de enunciados. Em outras palavras, é importante entender que a diversidade linguística não diminui a capacidade intelectual dos falantes, uma vez que, segundo a teoria gerativa de Chomsky (1977 [1975]), a linguagem é uma faculdade inata, ou seja, os indivíduos nascem com a habilidade natural e inconsciente de produzir e compreender frases. Dessa forma, todo falante nativo possui um conhecimento intuitivo e emprega naturalmente as regras básicas de funcionamento de sua língua materna.

5. PRECONCEITO LINGUÍSTICO E XENOFOBIA NAS MÍDIAS SOCIAIS

Conforme exposto, o objetivo deste artigo é investigar o preconceito sobre o uso não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais, as quais se tornaram um meio para a disseminação do preconceito linguístico e da xenofobia, onde aquele que não fala de acordo com os padrões da norma-padrão é tratado com ironia e deboche, sendo exposto ao ridículo, e sua fala considerada feia, errada e pobre.

Diante disso, apresentaremos alguns casos emblemáticos que ilustram a xenofobia contra os nordestinos e o preconceito linguístico enfrentado por falantes da língua portuguesa devido ao uso das variedades não padrão e dialetais, que muitas vezes são consideradas fora do modelo idealizado pela elite letrada. Esses episódios evidenciam a persistência de estereótipos linguísticos e a marginalização de certos grupos sociais em virtude de sua forma de expressão. Alguns desses fatos ocorreram por meio das mídias sociais e outros foram disseminados por meio dessas.

Em 2016, a jornalista e apresentadora Renata Alves, natural do Sergipe, foi vítima de preconceito, devido à sua maneira de falar, marcada por características próprias de sua região natal, por meio de comentários nas redes sociais – figura 1. De acordo com um seguidor, a apresentadora, uma vez que não estava mais residindo em Sergipe, deveria mudar a sua pronúncia e escolha vocabular, visto que, de acordo com ele, ninguém merecia ouvir o seu sotaque. O ocorrido nos mostra, então, a discriminação com a diversidade dialetal do Brasil, especificamente com a fala nordestina, a qual seria considerada inferior à língua falada em uma capital do Sudeste, por exemplo. Contudo, apesar de o português falado no Nordeste ser diferente do falado no Sudeste, isso não quer dizer que uma fala é melhor que a outra.

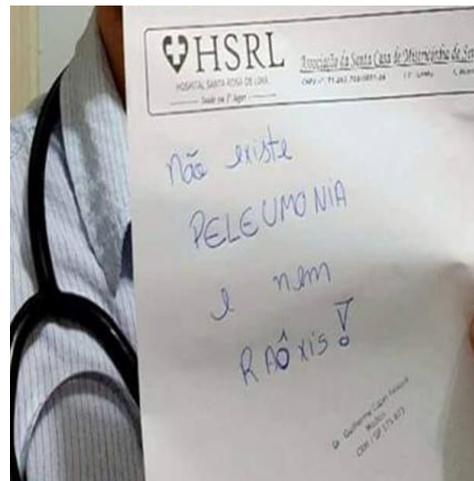
Figura 1



Fonte: Disponível em: <https://a8se.com/entretenimento/noticia/2016/02/92084-renata-alves-e-vitima-de-preconceito-na-internet-e-defende-sergipe.html>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

No mesmo ano, houve outro caso de preconceito linguístico, mas dessa vez um médico plantonista, após atender um paciente que não tinha escolaridade e utilizava a variedade não padrão da língua, publicou, em sua rede social, uma foto rindo da fala do paciente – figura 2. No entanto, embora esse falante não faça uso da norma-padrão, ele possui construções baseadas em uma gramática internalizada, que permite uma boa comunicação e interação social; logo, sua variedade da língua não é um erro. Apesar disso, o médico debochou da variedade não padrão do falante afirmando que “não existe pelemônia e nem raôxis” e disseminou seu preconceito linguístico por intermédio da internet. Como consequência, o médico foi afastado de seu cargo e teve que pedir desculpas ao paciente.

Figura 2



Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2016/07/medico-debocha-de-paciente-na-internet-nao-existe-peleumonia.html>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

Em outra situação, durante as eleições de 2022, os nordestinos foram alvos de preconceito e discriminação flagrantes em várias publicações nas mídias sociais – figura 3. Em meio à insatisfação com o resultado da eleição à presidência, uma onda de comentários carregados de estereótipos depreciativos inundou as redes sociais, retratando os nordestinos como ignorantes, analfabetos e preguiçosos. Esses ataques não apenas refletem uma falta de respeito pela diversidade cultural e educacional do Brasil, como evidenciam a persistência do preconceito regional enraizado em nossa sociedade. Tal comportamento é completamente

inaceitável, principalmente em uma região tão importante, tanto em termos de recursos naturais quanto de diversidade cultural e relevância econômica.

Figura 3



Fonte: Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/eleicoes/2022/noticia/2022/10/06/oab-pi-divulga-nota-de-repudio-contra-ataques-xenofobicos-ao-nordeste.ghtml>. Acesso em: 29 de fev. de 2024.

Outro exemplo notável de preconceito linguístico ocorreu envolvendo o então juiz Sérgio Moro, que, durante uma audiência pública, pronunciou a palavra “conge” quando se referia a cônjuge – figura 4. A fala de Moro rapidamente se disseminou pela internet, tornando-se alvo de piadas e comentários sarcásticos. Muitos indivíduos afirmaram que, dado o *status* educacional e o prestígio social de Moro, ele não deveria cometer um “erro” como esse. Essa reação reflete a crença arraigada de que falantes com um alto nível de educação e cultura devem aderir estritamente às normas gramaticais, sendo esperado que demonstrem um domínio absoluto da língua sem cometer desvios linguísticos.

Figura 4



Fonte: Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/sergio-moro-conje-preconceito-linguistico.html>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

Além dos casos de preconceito envolvendo figuras públicas, pessoas menos escolarizadas e habitantes da região Nordeste do Brasil, é importante ressaltar que existem diversas páginas nas redes sociais dedicadas exclusivamente a apontar os desvios gramaticais cometidos pelos falantes da língua portuguesa. Essas páginas evidenciam um viés preconceituoso, tratando questões linguísticas sérias como motivo de piada e risos. Um exemplo notório é a página intitulada *Erros de português mais engraçados*, que tem como objetivo ridicularizar as diferentes variedades da língua. Nesse contexto, a disseminação do preconceito linguístico se amplia, contribuindo para a marginalização e estigmatização de grupos sociais que não se enquadram no padrão linguístico considerado como correto. Essas atitudes não apenas perpetuam estereótipos prejudiciais, como desvalorizam a riqueza e a diversidade da linguagem humana.

Em um dos casos encontrados na página *Erros de português mais engraçados*, o usuário cometeu um desvio da norma-padrão ao utilizar a palavra “augo” em vez de “algo”, como estabelecido pela gramática normativa – figura 5. Esse desvio linguístico provocou uma série de comentários preconceituosos, como o caso de um indivíduo que comentou que o falante havia aprendido o português, como se esse, ao não empregar a norma-padrão, não possuísse domínio linguístico. Essa reação destaca como o preconceito linguístico está enraizado na sociedade, marginalizando aqueles que não se enquadram no padrão idealizado, mesmo quando suas escolhas linguísticas não afetam a clareza ou eficácia da comunicação.

Figura 5



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ErrosdePortuguesMaisEngracados/photos/a.162872223812582/539698202796647/?type=3&theater>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

Em outro contexto, verificamos alguns desvios gramaticais ao se referirem à frase “sou feliz, pois tudo posso naquele que me fortalece” – figura 6. Essa ocorrência gerou uma onda de risos na internet, com algumas pessoas rotulando os desvios como demonstrações de ignorância, sugerindo que tais desvios estariam contribuindo para o declínio da língua portuguesa. Dessa forma, observamos que, mesmo nas mídias sociais, existe uma valorização de se escrever de acordo com o padrão linguístico idealizado, que a escrita é um “fator de inserção e de prestígio social” (Bisognin, 2009, p. 16).

Figura 6



Fonte: Disponível em: <https://www.facebook.com/ErrosdePortuguesMaisEngracados/photos/a.162872223812582/351737774926025/?type=3&theater>. Acesso em: 14 de jul. de 2019.

Outro exemplo flagrante de preconceito linguístico ocorreu com um usuário das redes sociais que divergiu da norma-padrão ao se referir à palavra "currículo" - figura 7. Esse desvio gerou muitos comentários, dentre os quais um indivíduo, devido à falta de embasamento teórico, expressou, de forma errônea, o desconforto ao ler a estrutura linguística, como se sentisse seus olhos sendo agredidos. Em circunstâncias como essa, a estrutura em questão se distancia daquilo que é considerado o ideal linguístico, tornando-se motivo de piada, embora não comprometa o entendimento da mensagem.

Figura 7



Fonte: Disponível em: https://www.facebook.com/photo?fbid=460570637376071&set=a.162872223812582&locale=pt_BR. Acesso em: 29 de fev. de 2024.

Como podemos constatar nos exemplos analisados, o povo nordestino foi alvo de ataques e ofensas, a diversidade linguística foi suprimida e a noção de língua distorcida, resultando na propagação da xenofobia e do preconceito linguístico por meio das mídias sociais. Esse preconceito, resultado de um preconceito social, está arraigado em nossa sociedade e vem ganhando terreno, onde aquele que não se expressa de acordo com o padrão idealizado de língua é alvo de discriminação, e tem sua fala rotulada como errada e motivo de zombaria. Essa realidade não apenas evidencia a existência de discriminação linguística, mas também a urgente necessidade de valorizar a diversidade linguística e cultural em nossa sociedade, que pode

ocorrer por meio da educação, do respeito mútuo e da promoção da inclusão linguística em todas as esferas da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, propomos uma análise acerca do preconceito linguístico e da xenofobia, especificamente no contexto do uso da variedade não padrão da língua portuguesa nas mídias sociais. Nosso objetivo foi destacar a importância de valorizar não só a diversidade cultural, mas também a linguística, a fim de desconstruir a noção equivocada de língua certa ou errada, feia ou bonita. Reconhecemos que o português falado no Brasil é caracterizado por uma multiplicidade de modos de falar, sendo fundamental respeitar e celebrar essa riqueza linguística.

Em nossa análise, apresentamos alguns casos de falantes nativos que foram alvos de preconceito devido ao uso da variedade não padrão e dialetal da língua portuguesa, tanto na fala quanto na escrita, os quais foram veiculados por meio das mídias sociais ou ganharam repercussão por intermédio delas. Esses ocorridos resultaram da comparação indevida entre o modelo idealizado da língua, conforme delineado pelas gramáticas normativas, e as diversas formas de falar o português brasileiro, e em virtude de comentários xenofóbicos que atacam a cultura e o sotaque nordestino. Diante disso, é fundamental destacar que não existe uma variedade linguística que seja intrinsecamente superior, mais pura, mais bonita ou correta do que a outra, ou seja, todas as línguas e dialetos são igualmente complexos e eficientes para o exercício de todas as funções a que se destinam. Além disso, todo falante nativo apresenta uma gramática internalizada, empregando naturalmente as regras básicas de funcionamento de sua língua materna.

Dessa forma, é preciso reconhecer que a língua não é um sistema fechado e imutável, mas sim um fenômeno dinâmico que está em constante evolução e apresenta variações motivadas por uma série de fatores. Essas diferenças linguísticas, longe de serem consideradas como erros, são reflexos da vasta riqueza cultural e da diversidade encontrada em todo o Brasil. Assim, ao negar essa pluralidade linguística, os falantes estão, na verdade, negando uma das características mais marcantes e enriquecedoras de sua identidade nacional. É imprescindível, portanto, promover o respeito e a valorização das diferentes formas de expressão linguística presentes em nosso país, reconhecendo que cada variedade linguística possui seu próprio valor

e contribuição para a riqueza linguística e cultural do Brasil. Essa atitude não apenas fortalece o tecido social, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Linguistic prejudice and xenophobia in relation to the non-standard use of the portuguese language in social media

ABSTRACT:

Bearing in mind that language is dynamic and is subject to linguistic variations influenced by factors such as the region and the social and cultural conditions of the context in which it is used, this article aims to investigate prejudice regarding linguistic varieties and xenophobia in which refers to the non-standard use of the Portuguese language on social media. Social networks have become a means for the dissemination of linguistic prejudice linked to xenophobia, where anyone who does not speak according to the rules of the standard norm is discriminated against and exposed to ridicule. To this end, we present some situations that illustrate the prejudice faced by Portuguese speakers who do not use the standard norm. From the analysis, we verified that this prejudice is rooted in our society and has been gaining strength as linguistic diversity is denied, as the concept of language is distorted and disseminated on the internet. Therefore, it is essential to rethink our actions on social media in relation to language and dialects, as no way of speaking Portuguese is wrong or inferior to another.

KEYWORDS: Linguistic variation. Linguistic prejudice. Xenophobia. Social media.

REFERÊNCIAS:

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística - Parte I. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v. 1, 8 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 21-47.
- AMORELLI, Naira. **A xenofobia no Brasil e no mundo**. Laboratório de Demografia e Estudos Populacionais UFJF, 2020. Disponível em: <https://www.ufjf.br/ladem/2020/06/29/a-xenofobia-no-brasil-e-no-mundo/>. Acesso em: 02 de ago.de 2023.
- BAGNO, Marcos. Introdução: norma linguística & outras normas. In: BAGNO, Marcos (org.). **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é e como se faz?**. 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BISOGNIN, Tadeu Rossato. **Sem medo do internetês**. Porto Alegre: AGE, 2009.
- BRITO, Christiano Julio Pilger de. **Cibercultura e as mídias sociais: aplicativos de comunicação e representações cibernéticas de redes sociais**. Dissertação (Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais). Toledo: Unioeste, 2018.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Norma culta e variedades linguísticas**. São José do Rio Preto – UNESP, 2011.
- CEZÁRIO, M. M.; VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 141-155.
- CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a linguagem**. Lisboa: Edições 70, 1977 [1975].
- CRUZ, Elaine Patrícia. **Denúncias de crimes com discurso de ódio na internet crescem em 2022**. Agência Brasil, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-02/denuncias-de-crimes-na-internet-com-discurso-de-odio-crescem-em-2022#:~:text=Em%202021%2C%20foram%201.097%20den%C3%BAncias,251%25%20entre%202021%20e%202022..> Acesso em: 01 de ago. de 2023.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.
- FARAH, Paulo Daniel. **Combates à xenofobia, ao racismo e à intolerância**. Revista USP, São Paulo, n.114, p. 11-30, Jul./Ago. /Set, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142365/137497>. Acesso em: 03 de ago. de 2023
- JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.